

Jorge Louraço Figueira

é crítico de teatro do  
jornal *Público*  
e dramaturgo.

&gt;

## Vista sonora para Trás-os-Montes

Jorge Louraço Figueira

&lt;

Por detrás dos montes,

enc. Miguel Seabra,

Teatro Meridional,

2006

(Fernando Mota),

fot. Rui Mateus /

Patricia Poção.

&gt;

Por detrás dos montes,

enc. Miguel Seabra,

Teatro Meridional,

2006 (Mónica Garneil,

Pedro Martinez, Pedro Gil,

Carla Maciel

e Carla Galvão),

fot. Rui Mateus /

Patricia Poção.



Uma das minhas recordações mais perenes é de uma viagem na Linha da Beira Baixa, devia ter oito anos, ouvindo o cavalgar da carruagem Tejo acima. Hoje, vindo do Porto, não se ouve nada, ou, o que é muito pior, ouve-se música *pop* de segunda categoria quando o Alfa Pendular pára em Coimbra B para receber passageiros. Por isso só posso ficar muito grato a um músico que dá de beber água pura e vinho maduro, em vez de refrigerante industrial.

A menção especial a Fernando Mota, em reconhecimento pela invulgar contribuição para o panorama artístico nacional, pela música e espaço sonoro do espectáculo *Por detrás dos montes*, deve-se ao modo como a sua arte condensa e reconstitui as paisagens sensoriais do nordeste transmontano de forma bela e singular, e em plena cumplicidade com essa criação do Teatro Meridional.

O intérprete e compositor surge como actor de corpo inteiro neste espectáculo em que os *performers* e a *performance* são um todo, e onde as palavras têm peso e medida semelhantes a, não maiores que, os outros instrumentos teatrais. Seria impossível, é claro, desligar essa *performance* das restantes, incluindo a encenação e a realização plástica, cujo movimento se inicia no começo de cada espectáculo tanto como os gestos dos actores (e já vão nas dezenas de representações) e do músico. Mas na verdade, Fernando Mota parece não só o músico ou o actor, mas a orquestra Fernando Mota, ou pelo menos a filarmónica, tal é a abundância e variedade de sons que coloca ao dispor dos espectadores. O trabalho é tão completo e perfeito que expõe os limites do discurso crítico. Se o próprio músico escreve, no programa do espectáculo, sobre o lado contemplativo da arte, levando a sua música pelos campos do indizível, como ele diz, citando John Cage, por um lado, e a suficiente metafísica

de não pensar em nada, de Alberto Caeiro, por outro – e se concretiza essa inspiração de modo tão admirável – e tudo isso editado em disco que se pode levar para casa<sup>1</sup> – o que resta a um crítico senão aplaudir e recomendar a compra? Palavras para quê? É um artista português...

Por isso, nesta minha intervenção estive tentado a forçar-vos a escutar o silêncio, passado estes poucos segundos, como na célebre composição de John Cage, que dura 4'33", o que talvez fosse uma forma de premiar o trabalho do Fernando Mota, e teria a vantagem de me conduzir até ao final do meu tempo de intervenção sem necessidade de dizer mais irrelevâncias – (Pausa.) Mas isso não seria uma Menção. E, por outro lado, neste caso importam também as ideias. Articulando sons e silêncios, ditos e feitos, *Por detrás dos montes* é uma colagem de fragmentos teatrais que reinventa as narrativas, a propaganda e o folclore sobre aquela região, e se recria como miradouro e arena, desdobrando os pontos de vista sobre gestos e hábitos. Além disso, explora a cumplicidade com os espectadores, não deixando de os provocar e de lhes mostrar coisas novas, ou melhor, novas maneiras de ver (e ouvir) as mesmas coisas.

Ao conceber uma obra que proporciona ao espectador a viagem pelos sons de Trás-os-montes, Fernando Mota faz com que sejamos um bocadinho menos duros de ouvido. Noutra região do globo, os *Inuit* têm cerca de cem palavras diferentes para designar as diversas variedades de neve, que reconhecem com a mesma facilidade que um naturalista reconhece as diversas espécies de bichos, e um músico distingue uns sons dos outros. Seria uma pena que houvesse apenas um tipo de neve, um tipo de insectos, e o mesmo tipo de música *pop* de segunda, sempre os mesmos sons, de Norte a Sul, no lugar de aboios, que (sei agora) são metade voz, metade chocalhos.

<sup>1</sup> Para mais informações sobre a música de Fernando Mota aconselha-se a consulta da sua página pessoal em <http://go.to/fernandomota> bem como o sítio do Teatro Meridional <http://www.teatromeridional.net>.